

САНКТ-ПЕТЕРБУРГСКИЙ ГОСУДАРСТВЕННЫЙ
УНИВЕРСИТЕТ
КАФЕДРА РОМАНСКОЙ ФИЛОЛОГИИ

Древняя и Новая
Романия
Выпуск 11

2013

Издаётся с 1974 года

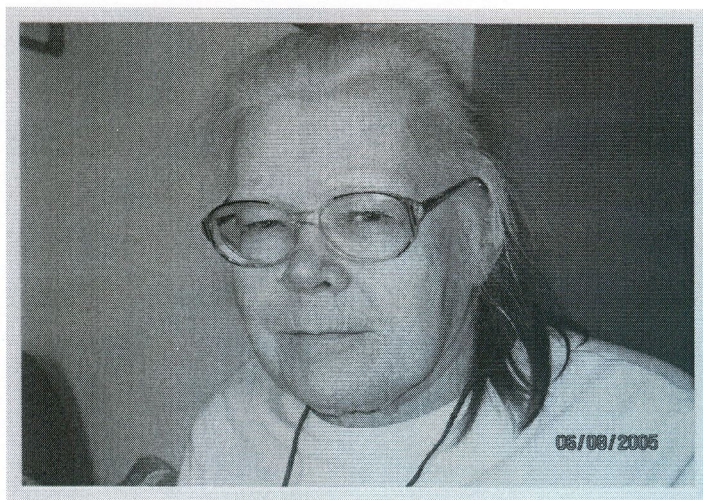
Посвящается светлой памяти наших учителей и коллег

Елены Георгиевны Голубевой (1930–2011)



и

Галины Кирилловны Неустроевой (1934–2011)



АКТУАЛЬНЫЕ ПРОБЛЕМЫ ЛУЗОФОНИИ

“SERTA LUSITANICA”

Межвузовский сборник

Под редакцией проф. М. А. Марусенко



UNIVERSITAS
PETROPOLITANA
MDCCLXXXIV

Санкт-Петербург

2013

ББК 81.2

А43

Редакционная коллегия:

Проф. *М. В. Зеликов* (С.-Петербург. гос. ун-т), проф. *Н. Н. Кириллова* (Рос. гос. пед. ун-т), проф. *М. А. Марусенко* (С.-Петербург. гос. ун-т, отв. ред.), проф. *Н. Г. Мёд* (С.-Петербург. гос. ун-т), проф. *М. К. Сабанеева* (С.-Петербург. гос. ун-т), проф. *Л. А. Становая* (Рос. гос. пед. ун-т), проф. *Е. М. Чекалина* (С.-Петербург. гос. ун-т), к.ф.н. *М. М. Мазняк* (С.-Петербург. гос. ун-т, отв. секр.), к.ф.н. *К. В. Якушкина* (С.-Петербург. гос. ун-т, отв. секр.)

Утверждено на заседании Кафедры романской филологии

Древняя и Новая Романия : Межвуз. сб. / под ред. М. А. Марусенко. – СПб. : Филологический факультет СПбГУ, 2013. – 462 с. - (Актуальные проблемы лузофонии – “Serta Lusitanica”). Вып. 11.

ISSN 0202-2502

«Актуальные проблемы лузофонии» - «Serta Lusitanica» продолжает традицию комплексного подхода к изучению португалоязычного мира, насчитывающую уже около двух десятилетий. У истоков этой традиции стояли ныне покойные Е. Г. Голубева и Г. К. Неустроева, памяти которых посвящён настоящий сборник. Сборник приурочен пятидесятилетию с момента начала систематического преподавания португальского языка в Санкт-Петербургском Университете.

Для специалистов в области романских языков, общего и сравнительного языкознания.

ББК 81.2

ISSN 0202-2502

© Коллектив авторов, 2013

© Филологический факультет СПбГУ, 2013

СОДЕРЖАНИЕ

<i>Приветственное слово Президента СПбГУ, декана Филологического факультета Л.А. Вербицкой</i>	6
--	---

IN MEMORIAM

<i>Голубева Е.Г.</i> (Россия) «Сад, напоенный чистыми ароматами, свежестью и поэзией...» (Публикация <i>Е.С. Зерновой</i>).....	8
<i>Симоини Гамбоа А.Л.</i> (Португалия) Helena Golubeva – a menina, o destino e a constante partida para uma nova viagem.....	34
<i>Фонтегла Ж.Л.</i> (Португалия) As atitudes estéticas, heterónimos, alónimos, ortónimos na lusofonia. Em homenagem à Prof. ^a Galina Neoustroeva, in memoriam... 38	38
<i>Токарев А.А.</i> (Россия) Португалистика в России после 1991 г.: трудное возрождение.....	41
<i>Копыл В.А.</i> (Россия) Спасибо учителям и друзьям из ЛГУ – СПбГУ!.....	45

ЛИНГВИСТИКА

<i>Тейшейра Ж.</i> (Португалия) Sinonímia e processos de implicação: algumas relações entre espaço e tempo no Português Europeu.....	56
<i>Сапрыкина О.А.</i> (Россия) Внутренняя форма слова в контексте португальской лингвокультурной традиции.....	78
<i>Косарик М.А.</i> (Россия) Вопросы синтаксиса в португальских сочинениях о языке XVI-XVII вв.....	87
→ <i>Баррозу Э.</i> (Португалия) Léxico e morfologia em Fernão de Oliveira (1536).....	114
<i>Зеликов М.В.</i> (Россия) O basco como o componente pré-indo-europeu da onomástica lusitana.....	127
<i>Мёд Н.Г.</i> (Россия) К вопросу о вариативности паремий (на материале паремий с компонентом-фитонимом в португальском языке).....	133
<i>Николаева Е.С.</i> (Россия) Корреляция форм сослагательного наклонения в придаточных определительных предложениях в португальском языке.....	143

Henrique Barroso

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Universidade do Minho,

Professor

Doutor

hbarroso@ilch.uminho.pt

УДК: 811.134.

LÉXICO E MORFOLOGIA EM FERNÃO DE OLIVEIRA (1536)

Resumo: Dá-se especial destaque, neste ensaio, às diferentes categorias de unidades lexicais resultantes da aplicação de cinco critérios teórico-descritivos, bem como à respetiva estrutura interna e relação de derivação (bases e afixos), chamando, por fim, a atenção para o pioneirismo de Fernão de Oliveira (1.º esboço de Lexicologia e 1.ª teoria da composição das palavras na história da linguística românica) e para a atualidade do seu pensamento sobre teorização lexical e morfológica, com aplicação ao português.

Palavras-chave: léxico; morfologia lexical; derivação; constituinte morfológico; língua portuguesa; Fernão de Oliveira

Henrique Barroso

The Institute of Arts and Human Sciences,

University of Minho (Portugal),

Professor

Doctor in Philology,

hbarroso@ilch.uminho.pt

LEXIS AND MORPHOLOGY IN FERNÃO DE OLIVEIRA (1536)

Summary: The article deals with different categories of lexical units resulting from the application of five theoretical-descriptive criteria as well as the conformable inner structure and the derivation's relationships (base and affixes). In the final part the attention is paid to pioneering activity of Fernão de Oliveira (the first project of Lexicology and the first word-

formation's theory in the history of Romanic linguistics) and to actual way of thinking about lexical and morphological theorization with an application to Portuguese.

Keywords: lexis, lexical morphology, derivation, morphological constituent, Portuguese language, Fernão de Oliveira

Introdução

Tive já oportunidade de referir, noutra local (Barroso, 2009:243), que Fernão de Oliveira, muito embora tenha escrito sobre assuntos múltiplos¹, foi sobretudo como gramático que ficou conhecido e, de modo particular, como foneticista/fonólogo – o que demonstrei com bastante detalhe. Agora, vou refletir sobre uma outra faceta por que também se distinguiu: a de lexicólogo/morfólogo, ou seja, a que resulta do modo como teoriza sobre o léxico e interpreta/descreve essa componente da gramática do português de Quinhentos. Podemos, desde já, afirmar que também nesta área foi pioneiro e original, propriedades ressaltadas já por Coseriu (2000:45) nos seguintes termos: «[...] Oliveira apresenta nos parágrafos sobre o vocabulário (“Das dições”), em poucas páginas, um esboço de lexicologia e, neste esboço, uma teoria da composição das palavras que constituem o primeiro – e em certo sentido o único – esboço desse tipo e a primeira teoria da composição das palavras que conhecemos na história da linguística românica», e ainda, já no termo do ensaio (Coseriu, 2000:60), nestes outros: «As suas ideias na lexicologia e naquilo que hoje se chama ‘sociolinguística’ são notáveis e a sua contribuição para o tratamento funcional das línguas na linguística descritiva é a de um precursor».

É, por conseguinte, de léxico e de morfologia lexical ou, simplesmente, de aspetos morfolexicais que se vai tratar nas páginas seguintes. E, desta feita, evidentemente, em relação ao português dos inícios do séc. XVI, pois é neste período que o autor vive, escreve e publica o texto de que agora nos servimos para escrever este curto ensaio: a sua *Grammatica da lingougem portuguesa*², saída a lume em 1536. E fá-lo nos capítulos XXX a XLVIII³, mais exatamente, de XXX a XLII, porque os restantes seis (XLIII a XLVIII) são dedicados à

¹ Cf., por exemplo, coordenado por Morais (2009), *Fernando Oliveira: Um humanista genial*. Trata-se de uma coletânea de estudos (622 páginas), que lhe é dedicada na passagem do quingentésimo aniversário do seu nascimento, que o recordam enquanto Homem (3 ensaios), enquanto Filólogo (12 ensaios), enquanto Marinheiro (8 ensaios) e enquanto Historiador (2 ensaios).

² Muito embora tenha também compulsado a edição de Buesch (1975), todas as citações deste texto que aparecerão doravante são feitas a partir da edição crítica, semidiplomática e anastática de Amadeu Torres e Carlos Assunção (2000).

³ 19 capítulos, portanto. Menos 5 do que os dedicados à ortografia/fonética/fonologia (Barroso, 2009: 244). Em todo o caso, pode dizer-se que é praticamente a outra metade da obra que dedica a estas matérias.

morfologia gramatical ou, mais precisamente, à morfossintaxe⁴. Porque o léxico (propriedades históricas e sincrónicas) e a estrutura interna dos itens lexicais constituem (os) dois polos aglutinadores dos vários aspetos de natureza morfolexical tratados nestes treze capítulos, é pois disso que me vou ocupar de imediato.

Antes, porém, devo referir que toda a reflexão que aqui se faz, porque a terminologia oliveiriana está, compreensivelmente, desatualizada (são quase cinco séculos de distância, até ao presente, para além de os Estudos Linguísticos se terem constituído como ciência apenas quatro séculos mais tarde: inícios do séc. XX), tem como marco de referência teórica os trabalhos de Aronoff & Fudeman (2011) e sobretudo Booij (2012).

1. Do léxico (propriedades históricas e sincrónicas)

Oliveira enceta esta (breve) reflexão teórico-descritiva sobre léxico e morfologia lexical, primeiro, definindo e identificando as unidades desta componente gramatical (unidades/itens lexicais ou, na sua terminologia, *dições*)⁵, assim (nas suas palavras): «*Dição*, vocabolo ou palavra, tudo quer dizer hũa cousa. E podemos assi dar sua definição: palavra é voz que sinifica cousa ou auto ou modo, cousa como artigo e nome, auto como verbo, modo como qualquer outra parte da oração, [...] [definição] Agora aqui não falamos de palavras senão enquanto são vozes; e portanto só dizemos das condições da voz e escritura dessas palavras, as quaes hão de ter em si ajuntamento de syllabas, assi como as sillabas se ajuntam de letras. [identificação] (Oliveira 2000 [1536]:118)» e, logo a seguir, enunciando as formas de abordagem deste módulo da gramática do português, a saber: (i) etimologia e comparação (palavras *nossas*, *alheias*, *comuns*), (ii) diacronia (palavras *velhas*, *novas*, *usadas*), (iii) uso literal/figurado (palavras *próprias*, *mudadas*), (iv) analisabilidade (palavras *apartadas*, *juntas*) e (v) relação de derivação (palavras *primeiras*, *tiradas*). Ora, veja-se: «O que primeiro nestas havemos d'olhar e o seu fundamento é donde vieram, a que os gregos chamam, como dissemos, *etimologia*. E esta dividimos em nossa, alhea e comum, porque as dições cuja etimologia aqui buscamos, ou são nossas próprias, como *castiçal*, *janela*, *panela*; ou alheas, como *ditongo*, *acento*, *picote*, *alquicé*; ou comuns, como *mesa*, *çapato*. E cada hũa destas ou são apartadas, como *fazer*, ou juntas como *contrafazer*; ou são velhas, como *ruão*, *compengar*, *cicais*, ou novas, como *peita* e *arcabuz*, ou usadas, como *renda*, *sis*, *casa*, *corda*. Ou também são proprias, como *livro*, porque lemos, ou mudadas, como *livro*,

⁴ Deste assunto não vou tratar neste ensaio, mas num outro a escrever muito brevemente, intitulado «Morfossintaxe em Fernão de Oliveira (1536)».

⁵ Sobre estas, mais precisamente sobre o estatuto epistemológico do lexema, cf. Glessgen (2011).

estromento de musica; ou são premeiras, como *livro*, ou tiradas, como *livreiro* e *livraria*» (Oliveira 2000 [1536]:118-119).

Tendo em consideração o exposto, vamos, num primeiro momento (isto é, já nos três próximos parágrafos), atentar nas diferentes categorias de unidades lexicais resultants das focalizações etimológica e comparativa (palavras vernáculas, empréstimos e palavras de circulação interlinguística), diacrónica (arcaísmos, neologismos e palavras correntes) e a baseada nos usos literal/figurado (palavras não metafóricas e metafóricas ou, numa terminologia mais recente, ‘empréstimos internos’), deixando para um segundo momento (só no ponto 2.) as que resultam, na expressão de Coseriu (2000:49), da «analisabilidade segmental da significação lexical» (palavras simples e complexas) e da relação de derivação (palavras primitivas e derivadas).

1.1. Palavras vernáculas, empréstimos e de circulação interlinguística

A procedência histórica das unidades lexicais de uma língua constitui tema central da investigação sobre o léxico, tanto na atualidade⁶ quanto já no tempo de Oliveira, que não fugiu à regra, pois é exatamente por aí que começa a teorizar sobre léxico, com aplicação ao português. Com efeito, e de acordo com este parâmetro, distingue três categorias. A primeira é a das palavras vernáculas (*dições nossas*, para o autor) que são, por um lado, as palavras primitivas próprias da língua e, por outro, as que se formaram por meio dos processos morfológicos a operar nesta, nomeadamente a afixação e a composição, e que Oliveira caracteriza e exemplifica do seguinte modo: «As nossas dições são aquellas que naceram antre nós ou são já tão antigas que não sabemos se vieram de fora. Nestas a grammatica manda saber donde, quando, porquê e como foram feitas: donde foram feitas, como *pelote* de *pele*, assi como também já foi, em tempo del-rei dom Afonso Anriquez, *capa-pelle*; quando foram feitas, como *sis*a em tempo del-rei dom João o primeiro; porque foram feitas, como *Aveiro*, nome de lugar, porque dantes nessa terra morava hum caçador d’aves ao qual, como d’algunha, chamavam o *aveiro*» (Oliveira, 2000 [1536]:119).

Em relação a estas, recomenda que se faça uma investigação séria. Quer dizer, que seja levada a cabo por estudiosos, e atentando sempre nas circunstâncias e motivações do seu aparecimento, desprezando por completo interpretações fantasiosas do tipo «*alfaiate* porque faz alfaias», como está bem patente no seguinte excerto: «Pois se alguém me dixer que podemos dizer como temos muitos vocabolos latinos e que isto alcançam os homens doutos

⁶ Cf., por exemplo, Messner (1990), *História do Léxico Português (com a origem das palavras citadas)*, que começa pelo vocabulário dos primeiros textos portugueses, passando depois à evolução lexical até 1500, continuando pelo século XVI e terminando com a base do léxico moderno.

que sabem lingua latina, como *candea* que vem de *candela*, vocabolo latino, e *mesa* de *mensa*, que não somente é latino mas também tem ainda outro mais escondido nascimento grego de *meson*, que quer dizer *cousa que está no meio*; assi outro tanto *lume* de *lumen* latino, e *homem* de *homo*, e *molher* de *mulier*; e *livro* e *porta* e *casa* e *paredes* e quantos quizerdes, e não só latinos, mas gregos, arabigos, castelhanos, franceses e toda quanta outra immundicia poderem ajuntar [...]». (Oliveira, 2000 [1536]:120).

A segunda categoria é a dos empréstimos (*dições alheas*), que são palavras importadas de outras línguas para satisfazer necessidades denominativas emergentes. Eis como Oliveira as caracteriza, exemplifica e comenta: «As dições alheas são aquellas que doutras linguas trazemos à nossa por alghũa necessidade de costume, trato, arte ou cousa alghũa novamente trazida à terra. O costume novo traz à terra novos vocabulos, como agora pouco ha trouxe este nome *picote*, que quer dizer *burel*, do qual, porque de fora trouxeram os malgalantes o costume, ou para melhor dizer o desdém de vestir o tal pano, trouxeram também o nome co'esse costume. E *alquicé* tão-pouco é vestido da nossa terra; por isso também traz o nome estrangeiro consigo. E *arcabuz* ha sete ou oit'annos pouco mais ou menos que veo ter a esta terra, com seu nome dantes nunca conhecido nella; e porém a este podemos chamar novo, mais que alheo, porque pode ser que tão-pouco dantes não era usado nessa terra donde o nós trouxemos ou tomamos» (Oliveira, 2000 [1536]:121).

Exibindo diferentes graus de adaptação à gramática da língua de acolhimento, podem, com o uso e o tempo, tornar-se unidades lexicais completamente integradas, como se de palavras autóctones se tratasse, ou seja, o falante deixa de as sentir como importações: «[...] a estas dições alheas com necessidade e não facilmente trazidas chamar-lhe-emos alheas em quanto forem muito novas, de tal feição que não possamos negar seu nascimento. E depois, pelo tempo adiante conformando-as connosco, chamar-lhe-emos nossas, porque desta maneira foram as que agora chamamos comuns [...]» (Oliveira, 2000 [1536]:122).

Por fim, a terceira e última categoria é constituída por vocábulos de circulação internacional (*dições comuns*). Trata-se de palavras atestadas em várias línguas nas quais não parece ser possível reconhecer o idioma que lhes deu origem. Formam, por essa razão, um património interlinguístico comum a um número considerável de línguas. Pese muito embora o facto de subsistirem dúvidas sobre se os exemplos apresentados são efetivamente a melhor ilustração do fenómeno sob escopo (são palavras usadas sobretudo pelas línguas ibéricas e é fácil reconhecer a origem árabe), eis como Oliveira as caracteriza: «Dições comuns chamamos aquellas que em muitas linguas servem igualmente; e o tempo em que se mudaram d'hũa lingua para outra fica tão longe de nós, que não podemos facilmente saber de qual para

qual língua se mudaram, porque assi as podiam tomar as outras linguas da nossa como a nossa dellas, como *alfaiate, almoxarife, alguidar, almocreve*. E muitas outras dições começadas nesta sillaba *al*, as quaes dizem que são mouriscas» (Oliveira, 2000 [1536]:123).

Obviamente que se poderia dizer muito mais em relação ao parâmetro em análise (procedência linguística das unidades lexicais), nomeadamente sobre léxico herdado e léxico tomado de empréstimo⁷ a outras línguas. Por agora, porém, basta-nos esta reflexão.

1.2. Arcaísmos, neologismos e vocabulário corrente

Tendo em consideração o segundo parâmetro, o relativo à diacronia das unidades lexicais, Oliveira distingue igualmente três categorias. A primeira apresentada pelo autor são os arcaísmos (*dições velhas*). Trata-se de palavras criadas e usadas noutra tempo, que pode ser mais ou menos recuado em relação ao presente em que o falante se situa⁸, mas que, por razões e circunstâncias várias (o léxico é uma entidade dinâmica), deixaram de ser usadas pela comunidade locutora. São, pois, palavras que já fizeram parte do léxico ativo de uma língua, mas caíram em desuso. Eis como Oliveira define a categoria em questão e os exemplos que convoca para a ilustrar: «As dições velhas são as que foram usadas, mas agora são esquecidas, como *Egas, Sancho, Dinis*, nomes próprios, e *ruão*, que quis dizer *cidadão*, segundo que eu julguei em hum livro antigo, o qual foi trasladado em tempo do mui esforçado rei dom João da Boa Memorea [...]» (Oliveira, 2000 [1536]:128).

Também não passou despercebido, ao primeiro gramático da língua portuguesa, que as palavras antigas, por não se usarem mais ou só muito raramente, não gozavam já de prestígio. Pelo contrário. Todavia, apesar de, na esteira de Quintiliano, lhes reconhecer alguma expressividade, recomenda (atitude prescritiva) que se deve fazer uso moderado das mesmas. Vejamos: «O uso destas dições antigas, diz Quintiliano, traz e dá muita graça ao falar, quando é temperado e em seus lugares e tempos. A limitação ou regra será esta pella maior parte: que das dições velhas tomemos as mais novas e que são mais vezinhas de nosso tempo; assi como também das novas havemos de tomar as mais antigas e mais recebidas de todos ou da maior parte» (Oliveira, 2000 [1536]:129).

⁷ Sobre este assunto (léxico herdado e léxico de empréstimo), bem como o relativo à história e reanálise de palavras compostas e, ainda, léxico mental, competência morfológica e génese histórica, cf. Rio-Torto (2009:265-272).

⁸ Veja-se, o que a este respeito, escreve Oliveira (2000 [1536]:128): «Pois em tempo del-rei dom Afonso Anriquez *capa-pelle* era nome de hũa certa vestidura. E não somente de tanto tempo, mas também, antes de nós hum pouco, nossos pais tinham alghũas palavras que já não são agora ouvidas, como *compengar*, que queria dizer *comer o pão com a outra vianda*, e *nemichalda*, o qual tanto valia como agora *nemigalha*, segundo se declarou poucos dias ha hũa velha que por isto foi preguntada, dizendo ella esta palavra. E era a velha a este tempo quando isto disse, de cento e dezasseis annos de sua idade».

Para além disso, verifica-se, com relativa frequência, que há palavras que são arcaísmos em relação à variedade comum da língua mas, em certos dialetos, continuam a funcionar sem qualquer estranheza: «E porém se estas e quaesquer outras semelhantes as metéremos em mãos d'hu^o homem velho da Beira ou aldeão, não lhe parecerão mal» (Oliveira, 2000 [1536]:130).

A segunda categoria é a dos neologismos (*dições novas*), isto é, palavras de criação recente, construídas para denominar justamente novas realidades e novos conceitos que vão aparecendo todos os dias e que carecem, por consequência, de representação linguística. Oliveira distingue, nas dições novas, as construídas «de todo» (ausência de motivação) das construídas «em parte» (motivação) ou, numa metalinguagem atual, a criação neológica *ex nihilo* (Correia & Lemos, 2005:23) da criação neológica fruto dos processos morfológicos de formação de palavras a operar na língua, particularmente a afixação (concatenação de bases e afixos), por estar mais documentada. Veja-se, a este respeito, quão cristalino é o pensamento oliveiriano: «As dições novas são aquellas que novamente ou de todo fingimos ou em parte achamos. “De todo” chamo quando não olhamos a nenhum respeito senão ao que nos ensina a natureza; para o que tiveram licença os premeiros homens quando premeiro nomearam *toalha* e *gardanapo*, e quando dixeram *chorar*, *cheirar*, *espantar* e outros muitos que não são tirados de nenhu^oa parte. [...]

Achar dições novas «em parte» e não de todo é quando, para fazer a voz nova que nos é necessaria, nos fundamos em alghu^oa cousa, como em *bombarda*, que é cousa nova e tem vocabolo novo, o qual vocabolo chamaram assi por amor do som que ella lança, que é quasi semelhante a este nome *bombarda* ou o nome a elle, e daqui também tiramos estoutro issomesmo novo, *esbombardear*» (Oliveira, 2000 [1536]:129-130).

E, agora, a última das três categorias: as palavras correntes (*dições usadas*). Como o próprio termo indica, trata-se de todos os itens lexicais que, independentemente da eventual exibição de outras marcas, (i) se usam frequentemente, (ii) são transversais à comunidade locutora e (iii) reconhece-se-lhes, como denominador comum, não serem nem arcaísmos nem neologismos. Correspondem, no fim de contas, à esmagadora maioria das palavras de uma língua em uso num determinado período da sua história, senão vejamos: «As dições usadas são estas que nos servem a cada porta (como dizem), estas, digo, que todos falam e entendem, as quaes são proprias do nosso tempo e terra. E quem não usa dellas é desentoado, fora do tom e musica dos nossos homens d'agora» (Oliveira, 2000 [1536]:131).

Oliveira subdistingue, nesta categoria, as palavras correntes ‘gerais’ das ‘particulares’, ou seja, as de uso geral e as de circulação mais restrita, por estar muito atento quer à variação

dialetal, quer particularmente à socioletal, como se pode ler no seguinte excerto:

«É porém de todas ellas ou são geraes a todos, como *Deos, pão, vinho, ceo e terra*, ou são particulares: e esta particularidade ou se faz antre officios e pratos, como os cavaleiros que têm huns vocabolos e os lavradores outros, e os cortesãos outros, e os religiosos outros, e os mecanicos outros, e os mercadores outros; ou também se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira têm hũas falas e os d'Alentejo outras. E os homens da Estremadura são diferentes dos d'Antre Douro e Minho, porque assi como os tempos, assi também as terras criam diversas condições e conceitos» (Oliveira, 2000 [1536]:131).

Trata-se, por conseguinte, dos chamados tecnicismos (termos próprios de linguagens especializadas, isto é, técnico-científicos) e dialetanismos (termos regionais).

1.3. Uso literal/figurado dos itens lexicais ou dos “empréstimos internos”

O uso denotativo (ou literal) e figurado (ou não literal) das unidades lexicais é o parâmetro que permite a Oliveira distinguir, respetivamente, e na sua expressão, as *dições proprias* das *dições mudadas*.

A aquisição de novos significados por parte de palavras já existentes constitui um processo de renovação lexical bastante produtivo. A metáfora e a metonímia (e também a sinédoque) são, para além de recursos cognitivos, os mecanismos semânticos responsáveis por este processo de formação de palavras⁹ a que, por convenção, se tem chamado «empréstimos internos» ou, o mesmo é dizer, «empréstimos dentro do sistema» (Correia & Lemos, 2005:51). Ou seja: uma palavra que era usada num determinado registo de língua passa a ser usada num outro completamente distinto.

Por conseguinte, para Oliveira, as *dições proprias* são «[...] aquellas que servem na sua primeira e principal sinificação, como *livro*, que desd'o seu principio e principal intento sempre quis e agora quer dizer este de papel escrito porque *lemos*. E assi, *homem e molher, terra, pedra* e muitos infindos outros das dições proprias. [...]. Aqui só tratamos do nacimiento das dições. E hũa parte desse nacimiento é a propriedade de que aqui abasta o que apontamos. Todavia amoestamos que as dições proprias têm a principal parte de boa e clara linguagem, e destas usaremos mais ameude» (Oliveira, 2000 [1536]:132) e, ao invés, as *dições mudadas* «[...] a que os latinos chamam trasladadas, são as que por necessidade ou melhoria de significação ou voz estão fora de seu proprio sinificado; e ou estão em lugar doutra dição que não era tão boa como nós queriamos para nosso intento, ou estão onde não havia dição propria, como *livro* quando quer dizer estormento musico, o qual por ser novo e

⁹ Sobre as relações semânticas na gestão dos conceitos, cf. Glessgen (2011: 430-437).

não ter nome ou voz própria e ser semelhante ao livro de papel, que é o próprio, lhe chamaram assi» (Oliveira, 2000 [1536]:132-133).

Premonitório ou não (em todo o caso, curioso), trata-se de um dos temas de eleição da investigação atual no quadro teórico da Linguística Cognitiva, o paradigma em voga.

2. Da estrutura interna dos itens lexicais

É nos capítulos xxxiv e xxxv (Oliveira, 2000 [1536]:124-128) que o primeiro gramático da língua portuguesa descreve as categorias que resultam da aplicação do parâmetro 'analísabilidade'. Porém (uma absoluta novidade – daí o seu pioneirismo), Oliveira desenvolve ao mesmo tempo, ainda que de modo relativamente breve, uma teoria da composição das palavras, que se caracteriza essencialmente por procurar um critério apropriado para a descrição das (palavras) complexas.

Assim, num primeiro momento, o nosso autor ensaia o critério da existência dos componentes como palavras autónomas, do tipo *contrafazer*, analisável em *contra* e *fazer*, que podem ocorrer isoladamente no discurso (Oliveira, 2000 [1536]:125). Ao invés, *fa-* e *-zer* não são constituintes independentes, pois não podem funcionar sozinhos discursivamente porque *fa-*, por um lado, e *-zer*, por outro, não significam nada. Portanto, fica aqui inequivocamente expresso que a delimitação dos componentes tem presente a associação entre significante e significado ou, o que vale o mesmo: apenas se pode segmentar, desde que aos constituintes resultantes dessa operação correspondam outros tantos significados.

Ora, porque a possibilidade de análise de uma palavra complexa não implica sempre a existência autónoma dos seus constituintes, este critério não é suficiente para explicar todos os casos que Oliveira pretende descrever. Abandona-o, por isso, e avança este outro: há componentes que significam ou podem significar de modo isolado e palavras ou partes destas que se juntam. Neste caso, é suficiente que um componente funcione de modo isolado e o outro que se possa considerar como palavra virtual. Estão, nesta situação, *re-* e *des-* em, por exemplo, *refazer* e *desfazer*, componentes aqueles que não podem funcionar isoladamente no discurso. Atentemos nas palavras do autor: «E posto que cada *hũ*,a destas partes não sinifique apartada por si, como *re* e *des*, que apartadas não dizem cousa alghũ,a, abasta que *hũ*,a qualquer das partes da composição possa sinificar, como aqui sinifica *fazer*. E contudo para mais abastança, se se achar alghũ,a dição junta cujas partes apartadas nenhũ,a dellas por si sinifique, como *desde*, *também* e *então* e *nelhures* e *algures* e *tamalavês*, ainda assi lhe chamaremos dição junta, porque o primeiro fundamento daquellas partes é serem diversas e

estar cada hũ_a por si, as quaes aqui se ajuntam e fazem hũ_a só dição» (Oliveira, 2000 [1536]:125).

Do que acaba de se expor, resulta pois evidente que o critério alcançado finalmente por Oliveira é o da, citando Coseriu (2000:49), «analisabilidade segmental da significação lexical, isto é, a possibilidade de se atribuir significação lexical aos segmentos de uma forma, que podem por isso ser considerados como componentes de significação lexical da forma inteira».

2.1. Palavras simples e palavras complexas

Como acabámos de ver, o quarto parâmetro («analisabilidade segmental da significação lexical») permite identificar, distinguindo-as, as palavras simples (*dições apartadas*) e as palavras complexas (*dições juntas*). As primeiras caracterizam-se (diz-se hoje) por exibirem um radical morfológicamente inanalísavel ou, nos termos de Oliveira: «As dições apartadas a que os latinos chamam simprezes ou singelas são aquellas cujas partes não podem ser dições inteiras, mas dividem-se somente em sillabas e letras; ou também não se podem dividir quando não têm mais que hũ_a só letra, como *e*, terceira pessoa do presente do indicativo no verbo substantivo, e como *i* por *ide*, imperativo deste verbo *ir*, e como muitas conjunções e preposições e averbios ...» (Oliveira, 2000 [1536]:124), as segundas, inversamente, por aquele constituinte ser morfológicamente analisável ou, nas palavras de Oliveira: «As dições juntas a que os latinos chamam compostas são cujas partes apartadas sinificam ou podem sinificar; e são dições por si ou partes doutras dições em que primeiro serviram e donde têm seu primeiro e proprio nacimiento, ao contrairo das apartadas. Ou as dições juntas são aquellas em que se ajuntam diversas dições ou suas partes, fazendo hũ_a só dição, como *contrafazer*, *refazer*, *desfazer*, nas quaes dições se ajuntam diversas outras dições em cada hũ_a dellas. Em *contrafazer* se ajuntam *contra* e mais *fazer*; e em *refazer* se ajuntam *re* e mais *fazer*» (Oliveira, 2000 [1536]:125).

Crucial para a determinação da ‘composicionalidade’ das unidades lexicais, como se sublinhou já, é o significado lexical adscrito aos respetivos componentes. Ora, repare-se no modo como Oliveira, operando, no-lo reporta: «As dições juntas às vezes guardam a mesma sinificação que tinham, as suas apartadas, e às vezes tomam outra quasi semelhante, e outras vezes muito diferente: guardam a mesma sinificação, como *torvar* e *estorvar*; tomam outra quasi semelhante, como *guardar* e *resguardar*, *chegar* e *achegar*; são de todo diferentes, como *podar* e *apodar*, *pedir* e *empedir*; e não só diferentes, mas também contrairas, como *fazer* e *desfazer*, *andar* e *desandar*. [...]

[...] como esta parte *re* no ajuntamento tem virtude de acrescentar e estoutra *des* tem virtude de desfazer ou diminuir, ou fazer o contrairo; e como esta parte *com* sinifica muitas

vezes companhia, cujo exemplo seja, *conchegar* e *conjuntar*, [...]» (Oliveira, 2000 [1536]:127).

Pelo reconhecimento desta dupla categoria de palavras (simples e complexas), pode concluir-se que Oliveira, mesmo sem o explicitar, assume ser a componente morfológica um nível de descrição linguística absolutamente essencial, pelo menos para o português.

2.2. Palavras primitivas e palavras derivadas

Convocando, por fim, a relação de derivação (o quinto e último parâmetro), Oliveira distingue duas categorias: as palavras primitivas (*dições primeiras*) e as palavras derivadas (*dições tiradas*). Quanto às primeiras, hodiernamente caracterizadas como unidades de significado lexical indecomponíveis, que estão (ou podem estar) na base de uma ou mais palavras construídas, são: «As dições [...] cujo nascimento não procede doutra parte mais que da vontade livre daquelle que as primeiro pôs, como *roupa*, *manta*, *esteira*, *cadeira* e *matula* e *candieiro*, [...]» (Oliveira, 2000 [1536]:133).

No que às segundas diz respeito, que modernamente se caracterizam como unidades lexicais construídas a partir de uma base (o radical) derivante, ou seja, de uma única unidade de significado lexical (e não de duas ou mais, o que é típico da composição) que se concatena com afixos, temos «As dições tiradas, a que os latinos chamam dirivadas, [...] cujo nascimentos vêm doutras alhũa¹⁰as dições donde estas são tiradas, como *tinteiro*, *velhiçe*, *honrrada*» (Oliveira, 2000 [1536]:133).

A criação neológica derivacional responde à urgência das línguas em arranjar palavras para denominar¹⁰ realidades que vão verbalizando, e a analogia é o princípio que está na génese da sua formação: é notória a relação quer entre bases e derivados, quer entre estes e os *denotata*. Isto mesmo se pode já ver, e de forma límpida, nas palavras de Oliveira: «Tiramos ou formamos hũa¹⁰as dições doutras para abasteçer e fazer copiosa a nossa lingua e porque nos não falem vocabolos nas cousas, [...]. E porém porque hũa¹⁰as cousas ou são ou parecem chegadas a outras, ou também descendentes e especeas dellas, assi isso mesmo fazemos hũa¹⁰as dições quasi como especeas participantes doutras; e em outras fazemos as formas semelhantes e chegadas em voz, como *tinteiro*: pella vezinhença e trato que tem com *tinta*, lhe poseram esse nome: e *velhiçe* de *velho*, porque é sua propria, e *honrrada* ou *honrrado* de *honrrar* têm muita parte assi na cousa como na voz.

E a meu ver não digamos que foi isto defeito de não acharem vocabolos. Mas é conforme à boa rezão que haja e se guarde a semelhança das cousas nas vozes; e assi são mais

¹⁰ Por exemplo, sobre a denominação das qualidades através de nomes, cf. Correia (2004).

claras e dizem melhor seus significados, porque a diversidade das vozes mostra haver diversidade nas cousas, e também a semelhança, por conseguinte, das vozes faz entender que as cousas não são diferentes. E porque a formação destas vozes que se tiram hũas das outras em alghũas partes ou nas mais requiere ser julgada ou tratada na parte e pellas regras de proporção ou semelhança a que os gregos chamam analogia, [...]» (Oliveira, 2000 [1536]: 133-134).

Aproximando, agora, o foco do que o autor verdadeiramente escreve, conseguimos ver de perto (e, por isso, também catalogá-los) os seguintes mais importantes tipos formativos (derivacionais), tão regulares que se incluem na declinação natural: (i) diminutivos em *-inho/a* (exs.: *moçinho, moçinha*) e aumentativos em *-ão* (ex.: *rapagão*) e *-az* (ex.: *beberraz*); (ii) adjetivos denominais em *-oso* (ex.: *sarnoso*) e *-ento* (ex.: *areento*); (iii) nomes de profissão/ofício em *-eiro* (exs.: *carpenteiro, sapateiro*), em *-dor* (exs.: *ferrador, regedor, governador*), em *-deira* (ex.: *pescadeira*), em *-airo* [-ário] (ex.: *boticairo*); (iv) nomes de oficinas e lugares de ofício em *-aria* (*orivesaria, sapataria, carpentaria*); (v) nomes deadjetivais em *-ice* (ex.: *velhice*); (vi) nomes deverbais em *-mento* (exs.: *comprimento, afeiçãoamento*) e (vii) advérbios em *-mente* (ex.: *compridamente, raramente*).

Para além destes, mais regulares, Oliveira arrola outros, que já o não são tanto, confrontando sempre as regras com as realizações efetivas, sem ficar preso aos preceitos dos gramáticos que lhe serviram de modelo, ou seja, à oposição analogia *vs.* anomalia.

3. Conclusão

De tudo que se disse aqui, impõem-se, pelo seu destaque, as seguintes conclusões:

(i) com base em cinco parâmetros (etimologia e comparação, diacronia, uso literal/figurado, analisabilidade da significação lexical, relação de derivação), Fernão de Oliveira distingue as seguintes categorias de unidades lexicais: palavras vernáculas, empréstimos, palavras de circulação interlinguística; arcaísmos, neologismos, palavras correntes; ‘empréstimos internos’; palavras simples e complexas; palavras primitivas e derivadas;

(ii) pode-se afirmar que Fernão de Oliveira, ainda sem ter essa consciência (nem podia), parece perceber que a palavra, constituinte sintático terminal, exhibe uma estrutura interna, ou seja, constituintes morfológicos terminais (radicais e afixos) a que estão adscritas determinadas funções: morfológicas, morfossintáticas e morfossemânticas;

(iii) pioneirismo (1.^a gramática da língua portuguesa, com o 1.^o esboço de Lexicologia e 1.^a teoria da composição das palavras na história da linguística românica) e atualidade do pensamento de Fernão de Oliveira sobre teorização morfológica e lexical.

Referências bibliográficas

- Aronoff M., Fudeman K. *What is Morphology?* Oxford: Wiley-Blackwell, 2011.
- Barroso H. «Fonética e Fonologia (segmental e prosódica) em Fernão de Oliveira (1536)», in Morais, Carlos (Coord.) (2009), *Fernando Oliveira: Um humanista genial*, 2009. P. 243-260.
- Booij G. *The Grammar of Words. An Introduction to Linguistic Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- Correia M., Lemos, L. *San Payo de. Inovação lexical em português*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português, 2005.
- Correia M. *Denominação e construção de palavras: o caso dos nomes de qualidade em português*. Lisboa: Edições Colibri [Coleção Estudos Linguísticos, 7], 2004.
- Coseriu E. «Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira» (trad. port. de «Sprache und Funktionalität bei Fernão de Oliveira» por Maia, Maria Christina da Motta. Niterói, R. J.: EDUFF, Editora Universitária, 1991), in Torres, Amadeu & Assunção, Carlos (2000). *Fernão de Oliveira, Gramática da Linguagem Portuguesa (1536) [...]*. P. 29-60.
- Glessgen M.-D. «Le statut épistémologique du lexème», in *Revue de Linguistique Romane*, n.os 299-300 (Juillet-Décembre), 2011. P. 391-468.
- Messner D. *História do léxico português (com a origem das palavras citadas)*. Heidelberg: Winter, 1990.
- Morais C. (Coord.) *Fernando Oliveira: Um humanista genial*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2009.
- Oliveira F. de. *Gramática da Linguagem Portuguesa (1536) (edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres & Carlos Assunção, com um estudo introdutório do Prof. Eugenio Coseriu)*. Lisboa: Academia das Ciências, 2000.
- Rio-Torto G. «Actualidade do pensamento de Fernão de Oliveira: léxico e morfologia», in Morais C. (Coord.), *Fernando Oliveira: Um humanista genial*, 2009. P. 261-285.